



## **INFÂNCIAS, FEMINISMOS E A EDUCAÇÃO: DIÁLOGOS A PARTIR DE BELL HOOKS**

*INFANCIAS, FEMINISMOS Y LA EDUCACIÓN: DIÁLOGOS DE BELL HOOKS*

*CHILDHOOD, FEMINISM AND EDUCATION: DIALOGUES BASED ON BELL HOOKS*

MOREIRA, Cátia Ribeiro<sup>1</sup>  
FLÓRES, Vanessa Medianeira da Silva<sup>2</sup>

### **Resumo**

O processo da Colonialidade deixou marcas na história que ainda ecoam com consequências drásticas até os dias atuais. Essas marcas afetaram adultos e aqui destacamos as mulheres negras, e não apenas estas, pois, as crianças e suas infâncias também foram afetadas. O racismo, o sexismo, o patriarcalismo e o adultocentrismo, são exemplos de categorias que tem influenciado de forma aniquiladora as mulheres e as crianças e suas infâncias. Esses fatores têm moldado as infâncias em uma sociedade excludente que colocam essas sujeitas em posições subalternas em relação as demais, principalmente as mulheres negras e crianças negras. Compreendemos que, essas práticas decorrentes sobretudo do período colonial, acentua cada vez mais um desequilíbrio econômico, social, político, cultural e social. Em diálogo com a teórica e escritora feminista bell hooks, sobretudo a partir de sua obra “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade (2013)”, propomos pensar através dos conceitos-chaves de “Sororidade” e “Pedagogia engajada”, como é possível uma educação que tenha em sua centralidade a luta antirracista, antissexista e que se posicione contrária ao adultocentrismo. Destacamos que as contribuições da feminista bell hooks, tem nos ajudado a pensar em uma educação feminista respeitosa, que tenha como foco o combate a qualquer tipo de opressão e que nos ajude a transformar e superar as desigualdades presentes na sociedade. Ressaltamos que nos estudos das infâncias e na Educação Infantil estas discussões são urgentes e necessárias em prol da superação de concepções cristalizadas sobre a educação que corroboram para reproduzir o sexismo e o racismo.

**Palavras-chave:** Crianças; Infâncias; Feminismos; Educação; Educação Feminista.

### **Resumen**

El proceso de la colonialidad dejó marcas en la historia que aún hacen eco con muchas consecuencias drásticas hasta los días actuales. Esas marcas afectaron personas adultas, y aquí destacamos a mujeres negras, y no solo apenas estás mujeres, pues, las niñas y su

<sup>1</sup> Pedagoga (UESB, 2019, Mestranda em Educação, Universidade Federal de São Carlos- UFSCar, São Carlos, São Paulo, Brasil, [cmoreira362@gmail.com](mailto:cmoreira362@gmail.com)

<sup>2</sup> Pedagoga, Especialista em Gestão Educacional, Docência na Educação Infantil, Mestra em Educação (UFSM - RS), Doutoranda em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil, [vanessaf.educ@gmail.com](mailto:vanessaf.educ@gmail.com)

infancia también fueron afectadas. El racismo, sexismo, el patriarcado y el adultocentrismo, son ejemplos de esas categorías que han influenciado en forma aniquiladoras a las mujeres, las niñas y su infancia. Esos factores han ido moldeando a los niños en una sociedad excluyente que colocan a estos sujetos en posiciones subordinadas em relación a los demás. Principalmente a las niñas y mujeres negras. Comprendemos esas prácticas surgiendo sobretodo desde el período colonial, acentuando cada vez más un desequilibrio económico, social, político, cultural y social. En un diálogo con la escritora y teórica feminista bell hooks, reseñando mayormente su obra: "Enseñar a transgredir: la educación como práctica de la libertad (2013)", proponemos pensar através de los conceptos claves de 'Sororidad' e "Pedagogía Comprometida", como es posible una educación que tenga en su núcleo la lucha antirracista, antisexista y que se coloque en contra del adultocentrismo. Hacemos destacar que las contribuciones de la feminista bell hooks, nos ha ayudado a pensar mejor en una educación feminista y respetuosa, que tenga como enfoque el combate ante cualquier tipo de opresión y que nos ayude a transformar y superar todas las desigualdades presentes en la sociedad. Resaltamos que en los estudios de infancia y la educación infantil estás discusiones son muy urgentes y necesarias en pro de la superación de las concepciones cristalizadas sobre la educación que corroboran reproducir el sexismo y el racismo.

**Palabras clave:** Niños; Infancias; Feminismos; Educación; Educación Feminista

### *Abstract*

The Coloniality process left marks in history that still echo with drastic consequences to the present day. These marks affected adults and here we highlight black women, and not just these, because children and their childhoods were also affected. Racism, sexism, patriarchy, and adult-centrism are examples of categories that have had an annihilating influence on women and children and their childhoods. These factors have shaped childhoods in an excluding society that places women and children in subordinate positions to others, especially black women and black children. We understand that these practices arising mainly from the colonial period, increasingly accentuate an economic, social, political, cultural, and social imbalance. In dialogue with the feminist theorist and writer bell hooks, especially from her work "Teaching to Transgress: education as the practice of freedom (2013)", we propose to think through the key concepts of "Sorority" and "Engaged Pedagogy", as an education that has the anti-racist, anti-sexist struggle as its centrality and that takes a stand against adult-centrism. We emphasize that the contributions of the feminist bell hooks have helped us to think about a respectful feminist education, which focuses on combating any type of oppression and which helps us to transform and overcome the inequalities present in society. We emphasize that in the area of childhood and Early Childhood Education, these discussions are urgent and necessary to overcome crystallized conceptions about education that corroborate to reproduce sexism and racism.

**Keywords:** Children; Childhoods; Feminisms; Education; Feminist education.

## Introdução

O presente texto tem como objetivo principal refletir sobre as infâncias, feminismos e educação por meio das contribuições teóricas da escritora feminista bell hooks<sup>3</sup>.

Para iniciar nossas reflexões, trazemos brevemente fatos importantes da história de vida da autora que foram fundamentais para a constituição desta como escritora e teórica. bell hooks foi professora, teórica feminista, escritora, artista e ativista antirracista. Nascida em Hopkinsville em 25 de setembro de 1952, faleceu em 15 de dezembro de 2021. Sem dúvidas, bell hooks se concretizou como uma das maiores pensadoras antirracista e antissexista dos últimos tempos.

A cidade de Hopkinsville onde bell hooks nasceu é localizada no estado de Kentucky, no sul dos Estados Unidos, e foi marcada pela segregação. Seus pais, Veodis Watkins com profissão de zelador e sua mãe Rosa Bell empregada doméstica em casa de famílias brancas caracterizava a família de bell hooks como sendo de classe trabalhadora, além de hooks, a família era composta por mais cinco irmãs e um irmão.

bell hooks fez parte de filmes e documentários, participou de várias palestras públicas, e principalmente, seu legado ficou marcado pela publicação de mais de trinta livros e muitos artigos acadêmicos. Sua obra demonstra sua visão de mundo, a busca por transformação e superação de quaisquer formas de opressão, pelas lutas e resistência. Sua preocupação pautou-se na discussão interseccionada entre raça, capitalismo, gênero e qualquer forma capaz de perpetuar sistemas de opressão e dominação de classe, além de se preocupar com a importância do amor, das desigualdades sociais e criticar o sistema capitalista.

A educação inicial de bell hooks se deu em escolas públicas marcadas pelo segregacionismo separada por raças. Foi nessas instituições que bell hooks

---

<sup>3</sup> bell hooks foi o pseudônimo escolhido pela autora em homenagem a sua bisavó materna Bell Blair Hooks, sendo Glória Jean Watkins seu nome de registro. O fato do pseudônimo ser grafado com letras minúsculas justifica-se pela escolha da autora em dar maior enfoque para suas obras do que para ela como autora.

experimentou o início da educação como a prática de sua liberdade. Logo aos 10 anos de idade, hooks começa a escrever seus poemas. Ainda muito jovem, hooks enfrentou muitas adversidades ao ser obrigada a mudar para uma escola integrada, que prevalecia professores e estudantes brancos.

Em 1973, bell hooks se formou em letras pela Universidade de Stanford, onde era bolsista. Também foi nesse período que, com 19 anos, começou a escrever a obra “E eu não sou uma mulher?”, em que enfoca a mulheridade negra e a luta pela construção de um mundo sem opressão sexista e racial. Mesmo iniciando a escrita dessa obra aos 19 anos, sua publicação só se deu em 1981 quando hooks já tinha 29 anos. Seu mestrado também em Letras, foi concluído na Universidade de Wisconsin-Madison no ano de 1976, e o doutorado foi realizado na Universidade da Califórnia, Santa Cruz em 1983.

bell hooks começou a ensinar em 1976, atuando como professora de inglês e professora sênior de Estudos Étnicos na Universidade do Sul, na Califórnia. Além dessa instituição, bell hooks ensinou em várias instituições entre os anos 80 e 90, incluindo os ensinamentos de Estudos Afro-Americanos na Universidade de Yale em New Haven e Estudos sobre as Mulheres em Oberlin College.

Deixando muitas inquietações em todos que se debruçam sobre suas leituras e falas, bell hooks faleceu aos 69 anos em sua residência em Berea, cidade localizada no interior de Kentucky, nos convidando a lutar e não nos conformar com os modos de opressão sexista e racista da nossa sociedade.

## **1 – Infâncias: resistências e transgressões**

A luta por infâncias plurais e protagonistas em interlocução com a concepção de educação e feminismos da autora bell hooks é o debate que buscamos pautar neste artigo.

Compreender as infâncias e as crianças há muito tempo constitui-se como um grande desafio, são muitas as possibilidades e óticas de pesquisa. A história da sociedade evidencia o lugar que as crianças ocuparam e, por muitas vezes, ainda ocupam. Marginalizadas, sem direito à fala, invisibilizadas e rotuladas a ocupar o lugar do ocultamento, as crianças foram forçadas a se submeter à subalternização.

Com o avanço das pesquisas e das formas de perceber as infâncias, novos prismas surgiram para a reivindicação dos direitos das crianças, sobretudo, com o campo de estudos da Sociologia da Infância, que considera as crianças como agentes de transformações ativas da sociedade e capazes de ser interpretadas a partir de si mesmas (FERNANDES, 1898; SARMENTO, 2005; DELGADO e MULLER, 2005; ABRAMOWICZ e OLIVEIRA, 2010, MAUSS, 2010).

A criança que outrora era vista nos processos de socialização como passiva, onde tinha imposto pelos adultos os valores da sociedade, o que conferia a ela o lugar do silêncio e do ocultamento, invisibilizadas e emudecidas diante do mundo, com a Sociologia da Infância são consideradas como atores e sujeitos sociais sendo com isso reconhecida a sua participação nos seus processos de socialização. Atores que constroem suas infâncias de forma ativa e não apenas objetos manipuláveis como eram entendidas.

A criança passa a ser compreendida em sua heterogeneidade. A Sociologia da Infância tece uma intensa crítica aos estudos que compreendem a infância como uniforme e universal, como se todas as crianças fossem iguais, assim como acreditava a abordagem biológica e psicológica pois,

[...] mesmo considerando os fatores de homogeneidade entre as crianças como um grupo com características etárias semelhantes, os fatores de heterogeneidade também devem ser considerados (classe social, gênero, etnia, raça, religião etc.), tendo em vista que os diferentes espaços estruturais diferenciam as crianças. (ABRAMOWICZ, OLIVEIRA, 2010, p. 43)

Além da nova visão proposta pela Sociologia da infância, outros aspectos que não estão separados, mas sim, que se interseccionam entre si, podem ser somados para essa compreensão social das infâncias e das crianças. Pensar na invisibilidade das crianças e das infâncias como grupos inferiorizados socialmente, ganha um significado ainda mais latente quando interseccionamos as categorias de análise gênero e raça. Esses marcadores sociais sempre estiveram presentes, atravessando a história da infância e demarcando o lugar social em que cada criança deveria ocupar, o que conseqüentemente conferiu às crianças lugares inferiores e subalternos na sociedade muitas vezes confinadas ao silenciamento e marginalização de seus corpos.

Propomos pensar a infância, raça e gênero a partir de uma perspectiva feminista e, especificamente neste escrito, tecemos diálogos com a feminista bell hooks sobretudo a

partir de sua obra *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (2013). A escolha pelos estudos feministas para pensar essas três categorias de análise concretiza-se por acreditarmos que estes estudos corroboram de forma positiva para pensar uma infância antirracista e antissexista que considerem as crianças em suas potencialidades com respeito e valorização delas.

Ao propor, em suas mais de 30 obras publicadas, bem como em suas falas, discutir a interseccionalidade entre raça, gênero e capitalismo, hooks protesta como esses mecanismos são capazes de produzir sistemas de opressão e de dominação de classe. Ao passar sua infância em uma família de classe trabalhadora e frequentar primeiro escolas com professoras e crianças negras, na qual as professoras acreditavam no potencial das crianças. Isto ocorreu no contexto de segregação racial dos Estados Unidos, posteriormente, bell hooks sofreu ao frequentar a escola para crianças negras e brancas onde passou a vivenciar situações de racismo. A autora problematiza as imposições da sociedade pelo fato de ser mulher, mas, principalmente, por ser mulher negra. Suas vivências cotidianas, e de quem a cercava, foram essenciais na produção de seus escritos denunciativos.

Com essa consciência política de uma sociedade injusta, racista e segregacionista é que hooks se põe a luta das classes minoritárias, que jamais foram minoria. A contribuição significativa que a autora propõe nos incomoda insistentemente a lutar pelas mulheres, mulheres crianças, mulheres crianças negras e, como afirma a autora, contra qualquer tipo de violência (HOOKS, 2018).

## **2 – A centralidade do pensamento de bell hooks**

bell hooks, como intelectual negra e comprometida com a luta antirracista e antissexista, sempre se colocou à frente do seu tempo e buscou subverter os sistemas e modos de opressões impostos pela sociedade.

Em sua obra “*Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*” (2013), destacamos um dos aspectos centrais, a saber a maneira como a autora constrói sua concepção de pedagogia engajada. Para hooks (2013), é através da participação mútua, do coletivo, que possibilitará a construção de um ambiente onde todos possam aprender.

bell hooks sempre acreditou na educação como um meio de transformação social e como mecanismo de combate às desigualdades e as várias formas de opressão. Para ela, a educação sempre foi vista pelo prisma da ruptura e desconstrução.

A pedagogia engajada proposta por bell hooks, traz a possibilidade de promover ações de liberdade e construção do novo. É por meio desta pedagogia que nos questionamos se com nossas ações estamos colaborando com as desigualdades sociais e com os sistemas opressores. hooks acredita que é necessário refletir sobre o mundo, a fim de que possamos mudar a realidade, realidade das mulheres, das crianças, do povo negro. Transformar essa realidade torna-se urgente cada vez mais. Para que a educação e nossas práticas cotidianas sejam de fato emancipadoras, é necessário que estas façam sentido para as pessoas, sobretudo com a possibilidade de dialogar com seus cotidianos, dores, alegrias, atravessando-as e potencializando para a luta.

Ao fazermos um paralelo com a infância por meio da proposição de hooks, da pedagogia engajada, verificamos que, na educação infantil, é fundamental a possibilidade de espaços em que as crianças desde a mais tenra idade possam atuar de forma autônoma e transformadora ao ponto de romper barreiras, raciais, sexuais, de classe, dentre tantas outras que, historicamente tem se concretizado como limitadoras das infâncias. As crianças que historicamente tiveram seus direitos políticos negados, ao se depararem desde a educação infantil com espaços que promovam o diálogo, a crítica, a novas posturas serão capazes de se posicionar de forma a remodelar a história de ocultamento que foram imersas. Isso é um ato revolucionário!

A sororidade é outro conceito fundamental apresentado por bell hooks, e pode ser definida como a uma solidariedade política entre as mulheres, ou seja, formada na luta do movimento feminista revolucionário. Para a autora é importante distinguir o movimento feminista revolucionário que está pautado na luta política contra o sexismo e todas as formas de opressão do movimento feminista liberal reformista que busca a inclusão das mulheres nos postos de trabalhos.

A sororidade feminista está fundamentada no comprometimento compartilhado de lutar contra a injustiça patriarcal, não importa a forma que a injustiça toma. Solidariedade

política entre mulheres sempre enfraquece o sexismo e prepara o caminho para derrubar o patriarcado “[...] enquanto mulheres usarem seu poder de classe e raça para dominar outras mulheres, a sororidade feminista não poderá existir por completo.” (hooks, 2018, p. 36)

Neste sentido, hooks salienta a importância de pensar sobre os privilégios e as relações entre mulheres brancas e negras que em alguns exemplos trazidos nas suas obras demonstra o quanto o feminismo liberal reformista exclui as mulheres negras que desde sempre trabalharam fora de seus lares. A sororidade será poderosa segundo hooks, ao abranger todas as mulheres, se conseguir conectar todas as mulheres e se as mulheres conseguirem romper com o sexismo internalizado que a autora chama de “inimigo interno” que coloca as mulheres umas contra as outras e contribui para a manutenção do patriarcado (2018).

Damião (2020) ao escrever sobre intelectuais negras na academia dentre elas bell hooks, nos afirma que: “Para a referida autora não há outros sujeitos sociais que sofrem maior opressão que as mulheres negras (p. 37).” Compreendendo também que as crianças são socialmente classificadas como minoria Damião (2020) de forma sensível compreende as crianças negras também são atravessadas pela opressão, “Sem querer empreender uma disputa de quem sofre maior opressão, para nós, as crianças negras estão numa situação de vulnerabilidade tão ou mais intensa que as mulheres negras. E, nós, mulheres negras, sentimos e sabemos da delicadeza existencial de nossas crianças (p.37)”

Pensar na sororidade para as mulheres e pensar a sororidade na infância nos remete a compreensão de que a modernidade produziu uma infância universal em que privilegia um modelo específico de criança (branca, hetero, masculina etc.) Então nos indagamos quanto as crianças racializadas, as crianças negras, as crianças pobres? E as outras infâncias que não estas que servem a um modelo hegemônico? A luta das mulheres e a luta das crianças se encontram em muitos pontos, em muitas dores, em muitos gritos. Carregam muitas vezes o status de negação e de apagamento, consequência do racismo, do sexismo, do patriarcado em nosso país. Suas vidas são marcadas pelo pouco, pela redução de acessos a bens sociais básicos a exemplo da saúde, educação, trabalho, lazer, moradia etc. Mais do que nunca a sororidade faz-se urgente tanto para mulheres quanto

para as crianças e suas infâncias. Mesmo diante de tantos obstáculos como os que aqui destacamos, assim como nos ensinou bell hooks e temos visto no decorrer da história, mulheres e crianças tem travado um embate de enfrentamento a dominação sexista e racista. Conforme nos afirma Damião (2020)

Crianças e mulheres negras têm resistido às adversidades, escapando à definições e lugares que a sociedade constrói para elas. Bebendo na fonte da herança comum ao povo negro - na coletividade, no sagrado e na multiplicidade – crianças e mulheres negras, forjam outros mundos e outros modos de ser. Neles falam a partir de si utilizando múltiplas e diferentes linguagens com vistas à criação de contextos nos quais possam vivenciar, ampliar e atualizar suas potencialidades, necessidades, desejos e sonhos... com vistas, também, à construção de realidades e horizontes de vida mais belos e justos! (p. 39)

Além, destacamos que, apesar de não ser uma estudiosa da infância, bell hooks traz em sua obra, exemplos que nos permitem pensar a educação das crianças sob uma perspectiva antirracista e antissexista. Como evidência, consideramos de extrema relevância a análise que a autora faz em relação a violência patriarcal que diferentemente da violência doméstica

[...] é baseada na crença de que é aceitável que um indivíduo mais poderoso controle outros por meio de várias formas de força coercitiva. Essa definição estendida de violência doméstica inclui a violência de homens contra mulheres, a violência em relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo e a violência de adultos contra crianças. (hooks, 2018, p.74)

Ao utilizar o termo violência patriarcal em substituição ao termo violência doméstica, hooks (2018) chama nossa atenção para o fato de que a violência que acontece dentro do lar está intimamente relacionada a dominação masculina, da mesma maneira que ao sexismo e ao pensamento sexista. Aprofundando ainda mais nessa análise, a autora destaca o fato de que a violência dentro do lar por muitas vezes é compreendida e destacada como algo entre adultos porém, muitas vezes não se leva em consideração que a violência contra crianças não está dissociada, pois a criança ao sofrer ou presenciar cenas de abusos de violência dentro do lar (sejam elas provocadas por homens ou mulheres) é tão violentada quanto o adulto que foi agredido, são abusos e violências que afetam emocionalmente e que podem trazer consequências drásticas para as crianças.

Por diversas vezes, ao ser considerada como categoria menos importante, essas violências são ocultadas e as crianças são silenciadas cada vez mais. Mulheres com pensamentos sexistas violentam as crianças tanto quanto os homens. O pensamento feminista oferece-nos mecanismos para lutar contra o pensamento patriarcal e a dominação masculina.

As crianças, reféns de uma sociedade culturalmente dominada, em que impõe que as crianças não tenham direitos civis, ficam ao dispor de homens e mulheres sexistas que ditam as regras de como elas devem se comportar, o que podem dizer, como devem se vestir e qual o “bom comportamento” para se amoldar dentro dessa sociedade normatizadora.

Enfatizar a dominação masculina torna fácil para mulheres, inclusive pensadoras feministas, ignorar os mecanismos de que as mulheres dispõem para abusar de crianças, porque todos nós fomos socializados para aderir ao pensamento patriarcal, para aderir à ética da dominação que diz que os poderosos têm direito de comandar quem não tem poder e podem usar quaisquer meios para subordiná-los. Na hierarquia do patriarcado capitalista de supremacia branca, a dominação de mulheres por homens é justificada, da mesma maneira que a dominação adulta de crianças. (hooks, 2018, p 85)

Concretizar uma educação para as crianças antissexista é o papel do feminismo comprometido com as crianças e suas infâncias.

### **3 – Educação da infância a partir das bases feministas**

A educação das infâncias e as bases feministas é um tema fundamental para a nossa reflexão. A autora bell hooks contribui para pensarmos sobre essa relação, mas antes de trazermos os pontos elencados nas obras da autora estudada, queremos brevemente trazer apontamentos que são pertinentes sobre o feminismo e a creche no Brasil.

A luta feminista por educação para as crianças no Brasil foi fundamental para garantir aos bebês e crianças o direito a educação pública, pois foi a partir dos movimentos feministas terem pautado esta demanda como prioridade que a educação infantil, após intensa disputa, passou a ser incluída na Constituição Federal (1988) no capítulo destinado a educação.

De acordo com Teles (2019) as lutas por políticas públicas que assegurem o direito das crianças às creches e pré-escolas nascem das lutas dos movimentos sociais e feminista no final dos anos setenta como uma das bandeiras de emancipação das mulheres. Após a inserção na CF (1988) que garantiu esta etapa como política pública, ocorreu um distanciamento entre os pressupostos do feminismo que versam sobre a justiça social e a luta contra todas as formas de opressão.

Este distanciamento pode ser evidenciado, inclusive nas aulas da disciplina Infância e Experiência da pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), pelas falas de algumas acadêmicas que relataram que não haviam pensado durante suas formações e práticas anteriores sobre as relações entre os feminismos e as infâncias. Também evidenciamos que autoras feministas não fizeram parte dos cursos de formação inicial e continuada da maioria das acadêmicas que, somente foram apresentadas às autoras feministas nesta disciplina. Cabe salientar aqui que, esta observação não se trata de um juízo de valor acerca dos cursos de formação inicial e continuada, tão pouco as acadêmicas da disciplina, mas serve como um sinal de alerta e um ponto de reflexão sobre esse distanciamento. Consideramos que esse afastamento entre feminismos e a educação dos bebês e das crianças contribui para manter fora das instituições reflexões e práticas pedagógicas cotidianas sobre relações de gênero, raça, classe e sexualidade.

Como forma de aproximar as leituras feministas e a educação das infâncias recorreremos às obras de bell hooks que nos fazem repensar estas relações e trazem aproximações e desafios para transformar a educação de modo a buscar superar as desigualdades. bell hooks define que o “feminismo é um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão” (p.13) a partir deste conceito defende que o feminismo deveria ser discutido por todas e todos. Fazer parte do cotidiano de formação e reflexões não apenas nas universidades, mas em todos os lugares tornando essa uma discussão acessível à população como intitula um dos seus livros - O feminismo é para todo o mundo políticas arrebatadoras - publicado em língua inglesa no ano 2000.

A obra citada foi traduzida recentemente para o português e traz conceitos fundamentais para pensarmos as questões que atravessam as infâncias e que constituem a docência na educação infantil. Buscamos trazer reflexões sobre a obra de bell hooks e a educação

infantil, pois trata-se de nosso campo de atuação profissional e por considerar que a autora contribui para pensar sobre as práticas pedagógicas com as crianças.

A autora salienta que:

Uma revolução feminista sozinha não criará esse mundo; precisamos acabar com o racismo, o elitismo, o imperialismo. Mas ela tornará possível que sejamos pessoas - mulheres e homens - autorrealizadas, capazes de criar uma comunidade amorosa, de viver juntas, realizando nossos sonhos de liberdade e justiça. (hooks, 2019, p.15)

Neste sentido, a educação infantil numa perspectiva feminista está pautada na justiça social e se posiciona contrária a todas as formas de opressão que estruturam as desigualdades sociais. Na educação infantil podemos resistir e lutar contra as opressões e o sexismo. Bebês e crianças têm muito a nos dizer e de muitas formas manifestam seus conhecimentos. Porém, muitas vezes, ainda hoje, não raramente, observamos em instituições práticas universalistas e estereotipadas que reforçam preconceitos de gênero, raça, classe e sexualidade.

Como docentes que atuam na educação infantil acreditamos que estamos em constante formação e a partir das leituras de bell hooks novos conhecimentos estão sendo construídos e estarão em interlocução com a nossa prática.

bell hooks (2019) afirma que:

Feministas são formadas, não nascem feministas. Uma pessoa não se torna defensora de políticas feministas simplesmente por ter o privilégio de ter nascido do sexo feminino. Assim como a todas as posições políticas, uma pessoa adere às políticas feministas por escolha e ação (p.25).

Deste modo, as interlocuções com as obras de bell hooks contribui com o nosso processo de formação docente no sentido de formar e/ou fortalecer posições políticas de base feminista e que em nossas ações cotidianas junto aos bebês e crianças são fundamentais para repensar as práticas pedagógicas. Não é possível mais aceitar que seja naturalizado dentro das instituições de educação infantil, por exemplo, a divisão de brincadeiras que são para meninas e brincadeiras destinadas a meninos, ou histórias infantis que coloquem sempre a mulher numa condição de submissão e espera da salvação que somente acontece com a chegada de um "príncipe encantado". Quantas vezes escutamos nas escolas a perpetuação de falas direcionadas aos meninos como "você não pode chorar, porque homem não chora".

É contra esses, e outros tantos fatos que ainda acontecem na educação infantil, que devemos buscar respaldo nos feminismos para transformar e superar as desigualdades presentes na sociedade, pois a autora é enfática em dizer que o feminismo é um movimento contra o sexismo e as opressões.

Ressaltamos ainda que, segundo hooks (2019) uma educação feminista é necessária e urgente, pois sem uma educação de base feminista a formação das pessoas fica relegada ao que é difundido pela mídia patriarcal de massa sobre o feminismo e isso traz entendimentos distorcidos que reforçam o sexismo e deslegitima as pautas feministas e as coloca como tabu na escola.

### **Considerações**

Compreendemos que as várias perspectivas de compreender a infância nos permite buscar mecanismos diferentes para promover uma educação infantil de qualidade, sobretudo que preze pelos direitos e bem-estar das crianças e de suas infâncias. A autora bell hooks em suas obras denunciativas nos mostra que um dos caminhos possíveis para que essa educação não seja utópica é a construção de uma educação feminista não sexista que vise o fim das mais diversas formas de opressão. Com base nesses pressupostos, entendemos que é por meio da infância e de suas múltiplas possibilidades que podemos iniciar essa transformação, e isso se concretiza com uma consciência política e práticas fundamentadas, antissexistas e antirracistas.

### **Referências**

ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. A Sociologia da Infância no Brasil: uma área em construção. Educação Santa Maria, v. 35 n 1, p. 39- 52, jan./abr. 2010.

DAMIÃO, Flávia de Jesus. Intelectuais negras na academia e Crianças negras: Produção de conhecimento como assuntos de vida! Revista ABPN. v . 12, n, 33. Jun- Ago 2020, p. 20-43. 2020.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. Sociologia da Infância: Pesquisa com crianças. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 351-360, Maio/Ago. 2005 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

FERNANDES, Florestan. Folclore e mudança social na cidade de São Paulo. 2. ed red. Petrópolis: Vozes, 1979.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo Martins Fontes, 2013.

hooks, bell O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras / bell hooks; tradução Ana Luiza Libânio. – 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

MAUSS, Marcel. Três observações sobre a sociologia da infância. Pro-Posições, Campinas: UNICAMP, v. 21, n. 3, 2010.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da Infância. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005 Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

TELES, Maria Amélia de Almeida; SANTIAGO, Flávio; FARIA, Ana Lúcia.(Orgs.)Porque a creche é uma luta das mulheres? São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. 292p. ISBN 978-85-7993-512-1

### **Como referenciar este artigo:**

MOREIRA, Cátia Ribeiro; FLÔRES, Vanessa Medianeira da Silva. Infâncias, feminismos e a educação: diálogos a partir de bell hooks. D'Generus: Revista de Estudos Feministas e de Gênero. Pelotas: UFPel. v. 02, n. 01, p. 000-000, 2023. ISSN: 2764-9938. DOI: XXXXXX